

1. (Ufpr 2020) O filósofo Gérard Lebrun, em seu livro intitulado *O que é o poder*, discorre sobre diferentes abordagens do conceito de poder. Na apresentação da obra, tece considerações sobre o binômio poder/dominação, tendo como referência a obra de Michel Foucault. Escreve Lebrun:

Quando a questão é compreender como foi e continua sendo possível a resignação, quase ilimitada, dos homens perante os excessos do poder, não basta invocar as *disciplinas* e as mil fórmulas de adestramento que, como mostra Foucault, são achados relativamente recentes da modernidade. Sua origem e seu sucesso talvez se devam a um sentimento atávico dos deserdados, de serem *por natureza excluídos do poder*, estranhos a este – talvez derivem da convicção de que opor-se a ele seria loucura comparável a opor-se aos fenômenos atmosféricos. Ainda que o poder não seja uma coisa, ele se torna uma, pois é assim que a maioria dos homens o representa. É preciso situar a tese de Foucault dentro de seus devidos limites: o homem condicionado, adestrado pelos poderes, é o privilegiado, o europeu. Não é o colonizado, não é o proletário do Terceiro Mundo (assim como não era o proletário europeu do século XIX). Estes, o poder não pensa sequer em domesticar: domina-os – e muito de cima.

(LEBRUN, Gérard. *O que é poder*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 08.)

Com base na reflexão desenvolvida por Lebrun, é correto afirmar que:

- a) o conceito de poder tem a possibilidade de ser interpretado a partir de noções como “disciplina” ou “adestramento”, construídas no próprio sujeito, considerando ao mesmo tempo a natureza estrutural e as condicionantes macrosociais do poder que orientam os indivíduos à ação social.
- b) as diferentes enunciações do conceito de poder presentes na obra de Foucault devem levar em consideração a situação dos trabalhadores novecentistas em países de Terceiro Mundo; do contrário o poder só pode ser entendido como narrativa dos opressores.
- c) o poder é um fenômeno que prescindem das instituições políticas e sociais para que se manifeste e, conforme Lebrun, toda forma de poder é uma manifestação da domesticação e do adestramento do indivíduo para a ação coletiva, tendo como princípio a vigilância e a punição.
- d) a explicação oferecida por Foucault possui limitações e não corresponde à realidade das relações de poder existentes no mundo moderno e contemporâneo, sobretudo quando se destaca a análise do proletariado do Terceiro Mundo.
- e) as relações de poder serão compreendidas em profundidade se assumirmos como parâmetro de nossas análises os processos de colonização no século XIX e a opressão ao proletário do Terceiro Mundo.

2. (Ufpr 2020) Considere a passagem abaixo:

A substituição do reino do *dever ser*, que marca a filosofia anterior, pelo reino do *ser*, da realidade, leva Maquiavel a se perguntar: como fazer reinar a ordem, como instaurar um Estado estável? O problema central de sua análise política é descobrir como pode ser resolvido o inevitável ciclo de estabilidade e caos. Ao formular e buscar resolver esta questão, Maquiavel provoca uma ruptura com o saber repetido pelos séculos. Trata-se de uma indagação radical e de uma nova articulação sobre o pensar e fazer política, que põe fim à ideia de uma ordem natural eterna. A ordem, produto necessário da política, não é natural, nem a materialização de uma vontade extraterrena, e tampouco resulta do jogo de dados do acaso. Ao contrário, a ordem tem um imperativo: deve ser construída pelos homens para se evitar o caos e a barbárie, e, uma vez alcançada, ela não será definitiva, pois há sempre, em germe, o seu trabalho em negativo, isto é, a ameaça de que seja desfeita.

(SADEK, Maria Tereza. Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual de virtù. In: WEFFORT, Francisco (org.). *Clássicos da política*, vol. 01. São Paulo: Ática, 2001. p. 17-18.)

Considerando o argumento de Maria Tereza Sadek, em seu texto intitulado *Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual de virtù*, é correto afirmar:

- a) Os estudos de Maquiavel sobre o reino do *ser* na política levam em consideração a tradição idealista de Platão, Aristóteles e São Tomás de Aquino e rejeitam as interpretações de historiadores antigos, como Tácito, Políbio, Tucídides e Tito Lívio.
- b) Em sua obra, Maquiavel coloca em relevo a dimensão efetivamente social, histórica e política das relações humanas, explicitando que sua regra metodológica implica o exame da realidade tal como ela é e não como se gostaria que ela fosse.
- c) A política, segundo Maquiavel, tem correspondência com as ideias inatistas, ou seja, de que os indivíduos são predestinados a um tipo de condição que lhes é inerente, não havendo possibilidade de mudança ou qualquer outra forma de alterar as estruturas de poder, por ele denominada de “maquiavélicas”.
- d) Segundo Sadek, ao formular uma explicação sobre essa questão, Maquiavel não rompeu com os paradigmas que fundavam a política de seu tempo, por conseguinte, favorecendo a perpetuação de tiranias nos séculos XV e XVI.
- e) Para Maquiavel, o problema central da política foi a democracia, e sua construção implicava o fortalecimento de governos descentralizados, o que aproximava seus estudos de liberais como John Locke e Thomas Hobbes.

3. (Ufpr 2020) Em determinado momento do diálogo de *Hípias Menor*, de Platão, Sócrates declara que encontrou dificuldade para responder à pergunta “qual o critério para reconheceres o que é belo e o que é feio?”. De acordo com Platão, a dificuldade está em que:

- a) os juízos de Beleza são subjetivos, sendo relativos a quem os enuncia.
- b) o belo e o feio não se distinguem realmente.
- c) é preciso conhecer o que é Beleza para que se possam identificar as coisas belas.
- d) o critério de Beleza não é acessível aos homens, mas apenas aos deuses.
- e) a Beleza é uma mera aparência.

4. (Ufpr 2020) Para os filósofos contratualistas, o Estado é pensado como tendo por origem um contrato entre os indivíduos. Segundo Thomas Hobbes, “é como se cada homem dissesse a cada homem: *autorizo e transfiro o meu direito de me governar a mim mesmo a este homem, ou a esta assembleia de homens, com a condição de transferires para ele o teu direito, autorizando de maneira semelhante todas as suas ações*”.

(HOBBS, T. *Leviatã*, cap. 17, In: MARÇAL, J. CABARRÃO, M.; FANTIN, M. E. (org.) *Antologia de textos filosóficos*, Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 365.)

A partir do enunciado, é correto afirmar que Hobbes recorre à ideia do contrato com o fim de:

- a) descrever como os Estados nacionais surgiram na história.
- b) calcular os deveres e direitos dos indivíduos em relação ao Estado.
- c) convocar os homens a resistirem ao poder do Estado.
- d) mostrar que os homens agem na esperança de contrapartidas.
- e) provar que os homens não sabem governar a si mesmos.

5. (Ufpr 2020) Nas primeiras linhas das *Meditações Metafísicas*, Descartes declara que “recebera muitas falsas opiniões por verdadeiras” e que “aquilo que fundou sobre princípios mal assegurados devia ser muito duvidoso e incerto”.

(DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*, In: MARÇAL, J. CABARRÃO, M.; FANTIN, M. E. (org.) *Antologia de textos filosóficos*, Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 153.)

A fim de dar bom fundamento ao conhecimento científico, Descartes entende que é preciso:

- a) confiar nas próprias opiniões.
- b) certificar-se de que os outros pensam como nós.
- c) seguir as opiniões dos mais sábios.
- d) partir de princípios seguros e proceder com método.
- e) aceitar que o conhecimento é duvidoso e incerto.

6. (Ufpr 2020) De acordo com Tales de Mileto, a água é origem e matriz de todas as coisas. Essa maneira de reduzir a multiplicidade das coisas a um único elemento foi considerada uma das primeiras expressões da Filosofia, porque:

- a) é um questionamento sobre o fundamento das coisas.
- b) enuncia a verdade sobre a origem das coisas.
- c) é uma proposição que se pode comprovar.
- d) é uma proposição científica.
- e) é um mito de origem.

7. (Ufpr 2020) Eis como ainda no início do século XVII se descrevia a figura ideal do soldado. O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia. [...] Na segunda metade do século XVIII, o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos.

(FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 162.)

Levando em conta essa passagem e a obra em que está inserida, é correto afirmar que, para Michel Foucault, instituições como escolas, quartéis, hospitais e prisões são exemplos de espaços em que, a partir do século XVIII, os indivíduos:

- a) são educados de modo a se tornarem autônomos.
- b) aprendem a conviver uns com os outros.
- c) encontram as condições de segurança e bem-estar.
- d) se tornam mais vigorosos e valentes.
- e) se fazem objeto do poder disciplinar.

8. (Ufpr 2020) Segundo Thomas Hobbes, “é um preceito ou regra geral da razão: que todo homem deve esforçar-se pela paz, na medida em que tenha esperança de consegui-la, e caso não a consiga pode procurar e usar todas as vantagens da guerra”.

(HOBBES, T. *Leviatã*. In: MARÇAL, J.; CABARRÃO, M.; FANTIN, M. E. (Orgs.) *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 353.)

Por que, segundo o autor, os homens devem esforçar-se pela paz e por que é difícil alcançá-la?

9. (Ufpr 2020) “Mesmo que haja uma grande multidão, se as ações de cada um dos que a compõem forem determinadas pelo julgamento e pelos apetites individuais de cada um, não se poderá esperar que ela seja capaz de dar defesa e proteção a ninguém, seja contra o inimigo comum, seja contra os danos causados uns aos outros”.

(HOBBES, T. *Leviatã*. In: MARÇAL, J.; CABARRÃO, M.; FANTIN, M. E. (Orgs.) *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 362.)

“A única maneira de instituir um poder comum, capaz de defender [os homens] das invasões dos estrangeiros e dos danos uns dos outros, garantindo-lhes assim uma segurança suficiente para que, mediante o seu próprio labor e graças aos frutos da terra, possam alimentar-se e viver satisfeitos, é conferir toda a sua força e poder a um homem, ou a uma assembleia de homens, que possa reduzir todas as suas vontades, por pluralidade de votos, a uma só vontade”.

(HOBBES, T. *Leviatã*. In: MARÇAL, J.; CABARRÃO, M.; FANTIN, M. E. (Orgs.) *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 374.)

De acordo com os textos acima e com a obra da qual foram extraídos, aponte duas diferenças entre uma multidão de homens e o Estado ou Corpo Político.

10. (Ufpr 2020) Segundo Michel Foucault, “as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII as fórmulas gerais da dominação”. Tais fórmulas diferem da escravidão, “pois não se fundamentam numa relação de apropriação dos corpos”. Elas consistem num “trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos”.

(FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 164.)

Explique de que maneira, de acordo com o autor, a dominação disciplinar difere da dominação do senhor sobre o escravo.

11. (Ufpr 2020) Segundo Michel Foucault, o poder disciplinar procede a uma certa organização do espaço e do tempo.

(FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1999.)

Quais são, de acordo com o autor, as características dos espaços disciplinares?

12. (Ufpr 2020) Referindo-se ao Estado francês do século XVIII, Michel Foucault escreve que “enquanto os juristas procuravam no pacto um modelo primitivo para a construção e reconstrução do corpo social, os militares e com eles os técnicos da disciplina elaboravam processos para a coerção individual e coletiva dos corpos”.

(FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 194.)

Há nessa passagem uma referência ao modo como Thomas Hobbes e outros autores contratualistas pensaram a formação do Estado. Explique essa afirmação.

13. (Ufpr 2020) “Vejo tão manifestamente que não há indício concludente algum nem marcas suficientemente certas por cujo meio se possa distinguir nitidamente a vigília do sono que me sinto inteiramente espantado; e meu espanto é tal que ele é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo”.

(DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. In: MARÇAL, J.; CABARRÃO, M.; FANTIN, M. E. (Orgs.) *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 155.)

Na passagem acima, Descartes apresenta um argumento para que se duvide das percepções sensíveis. Aponte e explique o argumento do autor.

14. (Ufpr 2020) “Eu já me persuadira de que não havia nada no mundo, de que não havia céu algum, terra alguma, espíritos alguns, nem corpos alguns; não me persuadi, então, de que eu tampouco existia? Com certeza, não; eu existia sem dúvida, se me persuadi de algo ou se apenas pensei algo”.

(DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. In: MARÇAL, J.; CABARRÃO, M.; FANTIN, M.E. (Orgs.) *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 160-1.)

Por que, de acordo com Descartes, não há como negar a existência do Eu ou do Sujeito do pensamento?

15. (Ufpr 2021) Na introdução ao *Ensaio sobre o entendimento humano*, John Locke declara que nessa obra ele pretende investigar “a origem, a certeza e a extensão do conhecimento humano, juntamente com as bases e graus da crença, opinião e assentimento”.

(LOCKE, John. *Coleção Os Pensadores*. Vol. XVIII. São Paulo: Victor Civita, 1973. p. 145.)

Com base nessa citação e na obra de que foi retirada, é correto afirmar que essa investigação:

- a) levará o entendimento a ter certeza sobre seus conteúdos.
- b) levará o entendimento a estender os seus limites.
- c) requer o exame dos processos físicos pelos quais o entendimento recebe suas ideias.
- d) requer o abandono das opiniões recebidas.
- e) busca critérios de verdade.

16. (Ufpr 2021) O livro X da obra *A República* é, em grande parte, dedicado aos poetas em geral e a Homero em particular. Tendo em vista os argumentos desenvolvidos nesse livro, é correto afirmar que, para Platão:

- a) o trabalho dos poetas expressa a própria ideia de beleza.
- b) os poetas imaginam coisas que não existem no campo das ideias.
- c) a poesia é útil para a educação dos jovens, em especial por seu caráter lúdico.
- d) a poesia é uma forma de imitação que não revela um bom conhecimento do que imita.
- e) a poesia é a forma de conhecimento que mais se aproxima das ideias.

17. (Ufpr 2021) Considere o seguinte texto:

Não vos deixeis enganar! É vossa curta vista, não a essência das coisas, que vos faz acreditar ver terra firme onde quer que seja no mar do vir-a-ser e perecer. Usais nomes das coisas, como se estas tivessem uma duração fixa: mas mesmo o rio, em que entrais pela segunda vez, não é o mesmo da primeira vez.

(HERÁCLITO DE ÉFESO. *Coleção Os Pensadores*. Vol. I. São Paulo: Victor Civita, 1973, p. 109.)

Com base no texto e no conhecimento sobre o pensamento de Heráclito de Éfeso, considere as seguintes afirmativas:

1. Em todas as coisas, tem-se a constante transformação e não realidades fixas.
2. Os olhos e os ouvidos são más testemunhas para os homens.
3. A ideia de que tudo se transforma diz respeito ao mundo físico, sendo que em sua essência as coisas não se alteram.
4. O vir-a-ser e o perecer conduzem as pessoas ao engano.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 1 é verdadeira.
- b) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

18. (Ufpr 2021) Em *A Condição Humana*, Hannah Arendt observa que o pensamento político dos gregos antigos estava baseado na distinção bem demarcada entre a esfera pública (a Cidade) e a privada (a família), e que no mundo moderno essa distinção deixou de ser clara. Assinale a alternativa que, de acordo com a autora, explica essa mudança.

- a) Os assuntos econômicos passaram a ser discutidos no espaço público.
- b) Já não mais se discutem os assuntos públicos.
- c) A família perdeu importância.
- d) Não há mais privacidade.
- e) Todos passaram a ter acesso à esfera pública.

19. (Ufpr 2022) Há em toda república dois humores diversos, quais sejam, aquele do povo e aquele dos grandes, (...) todas as leis que são feitas em favor da liberdade nascem desta desunião.

(MAQUIAVEL. *Discursos sobre a Primeira década de Tito Livio*. Seleção de textos, tradução e notas Carlo Gabriel Kzsam Pancera. In: MARÇAL, J. (org.) *Antologia de textos filosóficos*, SEED, 2009, p. 432.)

De acordo com a passagem acima e com a obra de que foi extraída, é correto afirmar que,

segundo Maquiavel:

- a) as leis nascem do conflito e levam à sua superação, produzindo harmonia social.
- b) as leis não passam de um instrumento de dominação do povo pelos grandes.
- c) para que haja liberdade, as leis devem ser feitas pelo povo, que é soberano.
- d) o conflito entre os grandes e o povo é o motor da vida política, o que produz e aperfeiçoa as leis.
- e) cabe aos grandes fazer as leis, mas sem retirar a liberdade do povo.

20. (Ufpr 2022) Ampliando suas investigações para além de suas capacidades, e deixando seus pensamentos vagarem em profundezas, a tal ponto de lhes faltar apoio seguro para o pé, não é de admirar que os homens levantem questões e multipliquem disputas acerca de assuntos insolúveis, servindo apenas para prolongar e aumentar suas dúvidas, e para confirmá-los ao fim num perfeito ceticismo.

(LOCKE. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Trad. Anoar Aiex. Coleção Os Pensadores, vol. XVIII. São Paulo: Victor Civita, 1973, introdução, p. 147.)

Considerando a passagem acima e a obra de que foi extraída, segundo Locke, os homens tornam-se céticos porque:

- a) são capazes de obter apenas um conhecimento provável acerca das coisas.
- b) não limitam suas investigações ao que é possível conhecer.
- c) dependem da experiência sensível para conhecer, sendo essa experiência enganosa.
- d) não são capazes de encontrar um apoio seguro para os seus pensamentos.
- e) encontram prazer na mera disputa.

21. (Ufpr 2022) Segundo Hannah Arendt, "para os gregos, forçar alguém mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da polis, característicos do lar e da vida em família, na qual o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despóticos".

(ARENDR, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 36.)

Considerando a passagem acima e a obra de que foi extraída, segundo H. Arendt, para os gregos antigos:

- a) a família era considerada um tipo inferior de associação política.
- b) não havia igualdade política, posto que havia dominação no âmbito familiar.
- c) as mulheres, apesar de dominadas no âmbito familiar, eram livres para participar da esfera pública.
- d) a comunidade política (a polis) deveria persuadir o chefe de família a abdicar de seus poderes despóticos.
- e) a comunidade doméstica (a família) e a comunidade política (a polis) eram entendidas como formas de associação fundamentalmente distintas.

22. (Ufpr 2022) No diálogo *Hípias Maior*, de Platão, Sócrates declara: "Recentemente, alguém me pôs em grande apuro, numa discussão em que eu rejeitava determinadas coisas como feias e elogiava outras por serem belas, havendo me perguntado em tom sarcástico, o interlocutor: qual é o critério, Sócrates, para reconheceres o que é belo e o que é feio? Vejamos, poderás dizer-me o que seja o belo?".

Considerando a passagem acima e a obra de que foi extraída, é correto afirmar que, de acordo com Sócrates:

- a) só é possível dizer o que é o belo depois de se ter identificado determinadas coisas como belas.
- b) a dificuldade se coloca para os juízos sobre a beleza, mas não para os juízos de verdade, tais como "isto é uma mesa".
- c) para identificar algo como belo, é preciso antes conhecer o que é o belo.
- d) o critério para distinguir entre o belo e o feio varia segundo as pessoas.

e) não há distinção entre o belo e as coisas belas.

23. (Ufpr 2023) Pintar um rosto como “objeto” não é despojá-lo do que “traz pensado”. “Acho que o pintor o interpreta”, diz Cézanne, “o pintor não é imbecil”. Mas esta interpretação não deve ser pensada separadamente da visão. “[Ao] pintar todos os pequenos azuis e todos os pequenos marrons, [ele faz] olhar como ele olha ... Ao diabo se duvidarem como, casando um verde matizado com um vermelho, entristece-se uma boca ou faz-se sorrir uma face”.

(MERLEAU-PONTY, Maurice. *A dúvida de Cézanne*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 118. Coleção Os Pensadores.)

De acordo com essa passagem e com o ensaio de que foi retirada, é correto afirmar que cabe ao pintor:

- reproduzir os objetos tais como realmente são.
- refletir na pintura seu estado psicológico.
- usar arbitrariamente as cores com as quais compõe os objetos.
- representar os objetos segundo regras estabelecidas de composição.
- reproduzir os objetos tal como os vê.

24. (Ufpr 2023) As afirmações a seguir são de Hylas e foram todas retiradas do Diálogo entre Hylas e Philonous, de George Berkeley. Qual delas mostra que Hylas finalmente admitiu o idealismo defendido por seu interlocutor, Philonous?

(BERKELEY, George. *Três diálogos entre Hylas e Philonous*. Curitiba: UFPR. SCHLA, 2012, p. 29, 73, 37, 63 e 51, respectivamente.)

- “Existir é uma coisa, ser percebido é outra.”
- “Tudo que posso fazer é formar ideias na minha própria mente. [...] E isso está longe de ser prova de que posso concebê-las existindo fora das mentes de todos os espíritos.”
- “O calor e o frio são apenas sensações que existem em nossas mentes. Entretanto, ainda restam qualidades suficientes para assegurar a realidade das coisas externas.”
- “Cores, sons, sabores, resumindo, tudo aquilo denominado qualidades secundárias, certamente não existem fora da mente. Mas ao admiti-lo, não significa que eu rejeite qualquer coisa da realidade da matéria ou dos objetos externos.”
- “Considero uma grande omissão o fato de não ter distinguido suficientemente objeto e sensação. Embora a sensação não possa existir sem a mente, disso não se segue que o objeto não possa.”

25. (Ufpr 2023) Os homens supõem comumente que todas as coisas da natureza agem, como eles mesmos, em consideração de um fim, e até chegam a ter por certo que o próprio Deus dirige todas as coisas para determinado fim, pois dizem que Deus fez todas as coisas em consideração do homem, e que criou o homem para que lhe prestasse culto.

(ESPINOSA, B. *Ética*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Livro I. Apêndice. p. 117. Coleção Os Pensadores.)

Nesta passagem, Espinosa:

- critica os homens por orientarem suas ações em consideração de um fim.
- defende que a natureza foi criada tendo-se em vista fins desconhecidos pelos homens e conhecidos apenas por Deus.
- descreve o modo de pensar que impede os homens de produzirem uma explicação adequada dos eventos naturais.
- explica por que se deve buscar conhecer os fins em vista dos quais todas as coisas foram criadas por Deus.
- oferece as razões pelas quais é impossível separar a ciência da religião.

26. (Ufpr 2023) Maquiavel considera que é muito útil “poder acusar perante o povo, perante um magistrado ou mesmo perante um conselho, os cidadãos que praticarem algum ato contra o estado livre”. Pois, com isso, escreve ele, “se institui um lugar para o desafogo daqueles

humores que crescem nas cidades contra qualquer cidadão. Quando estes humores não têm onde se desafogar ordinariamente, buscam modos extraordinários”.

(MAQUIAVEL, Nicolau. Discursos sobre a Primeira década de Tito Livio. In: MARÇAL, J. (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009. p. 437.)

Nessa passagem, Maquiavel elogia a instituição romana da acusação pública porque ela:

- a) reconhece os direitos dos cidadãos de maneira equitativa.
- b) confere soberania ao povo, reconhecendo-o como a fonte das leis.
- c) oferece um lugar institucional para a manifestação de conflitos.
- d) garante a todos os indivíduos a plena liberdade de expressão.
- e) impõe obediência às leis.

27. (Ufpr 2023) [As] experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse certos espaços. [...] Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* [lugar] social, de como este lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar de racismo, por exemplo.

(RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017. p. 64.)

De acordo com a passagem acima e com a obra de que foi retirada, locus social é o lugar:

- a) escolhido voluntariamente por um determinado grupo social como seu lugar de fala.
- b) que define quem tem o direito de falar sobre determinados assuntos.
- c) que determina a essência de cada grupo social.
- d) em que se abrem ou se restringem oportunidades a determinados grupos sociais.
- e) que assegura a todo grupo social uma existência digna.

28. (Ufpr 2024) “O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada [...]. [...] Não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem”.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Tradução: Bento Prado Jr. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 37.

Considerando a importância do método para a filosofia de Descartes, assinale a alternativa que contém um dos preceitos para bem direcionar-se o espírito e, assim, adquirir-se conhecimentos.

- a) Seguir a sabedoria dos antigos.
- b) Praticar a dialética.
- c) Educar-se por meio de viagens e de observações de diferentes costumes e opiniões.
- d) Seguir a ordem progressiva dos pensamentos, dos mais simples aos mais complexos.
- e) Aceitar a impossibilidade de fundar um conhecimento certo e indubitável em um mundo tão diverso e variado.

29. (Ufpr 2024) No artigo *Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era pós-socialista*, Nancy Fraser trata do dilema entre duas demandas de justiça, típicas de nossa era: demandas por redistribuição e demandas por reconhecimento. De acordo com a autora, esse dilema reside no fato de que:

- a) demandas por redistribuição requerem a transformação da sociedade, ao passo que demandas por reconhecimento, não.
- b) a correção de injustiças distributivas produz injustiças de reconhecimento e vice-versa.
- c) lutas por reconhecimento são prioritárias, pois diferenças culturais determinam as econômicas.
- d) lutas por reconhecimento desmobilizam as lutas por distribuição.
- e) a lógica da redistribuição é a de acabar com a diferença entre os grupos, enquanto a lógica do reconhecimento é a de valorizar diferenças.

30. (Ufpr 2024) No *Tratado da Tolerância*, Voltaire argumenta que a condenação de Jean Calas à morte, em 9 de março de 1762, foi um erro judiciário fomentado pela intolerância. Levando em consideração essa obra, assinale a alternativa que corresponde à posição de Voltaire diante desse acontecimento.

- a) Os algozes de Jean Calas devem ser tolerados, pois a tolerância é a melhor forma de combater a intolerância.
- b) A pena de morte deve ser abolida, uma vez que o sistema judiciário está sujeito a erros.
- c) A intolerância é um crime passível de punição, pois coloca em risco a sociedade.
- d) O Estado deve evitar a multiplicação de seitas religiosas, a fim de combater a intolerância.
- e) A intolerância é um mal inerente à natureza humana, estando presente em todas as épocas e lugares.

31. (Ufpr 2024) De acordo com o texto *A arte diante do mal radical*, de Thierry de Duve, a decisão do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque de expor uma série de fotos de pessoas mantidas em campos de extermínio pelo regime de Pol Pot (líder do Khmer Vermelho cambojano entre 1975 e 1979 e responsável pelo massacre sistemático de milhares de civis durante esse período):

- a) expõe como arte fotos que não são arte, já que desumanas, sendo a arte um patrimônio da humanidade.
- b) convida o espectador a fazer um julgamento estético, levando-o a contemplar as fotos tendo a arte como referência.
- c) faz justiça ao desejo do fotógrafo em ser reconhecido como artista, a despeito das condições em que exerceu sua arte.
- d) justifica atos imorais em nome da arte.
- e) revela que a decisão acerca do status de arte da fotografia compete exclusivamente aos curadores das exposições fotográficas.

**Gabarito:****Resposta da questão 1:**

[A]

A partir do texto apresentado pela questão, o aluno deve identificar que o poder, enquanto objeto de investigação filosófica, pode ser entendido e interpretado sob diferentes perspectivas e aportes teóricos. Tendo em vista a perspectiva de Gérard Lebrun, observa-se uma análise que não se detém apenas na noção de “disciplina” para construir um entendimento acerca da questão da resignação dos indivíduos perante o poder. Para isso, Lebrun lança mão de outras noções, como a de “adestramento”, inserindo no debate elementos que são construídos pelos próprios sujeitos. Assim, o autor considera a natureza estrutural juntamente com as condicionantes macrossociais do poder, para entender as formas como os indivíduos agem diante das relações de poder. É a partir dessas considerações que Lebrun defende ser possível pensar de maneira mais adequada situações como a das sociedades submetidas à colonização.

**Resposta da questão 2:**

[B]

Maquiavel faz parte de uma tradição teórica da filosofia política denominada “realismo político”, marcada por uma reflexão que busca entender a realidade, a partir da qual se constroem as relações políticas, por meio das formas que ela se apresenta, renegando as análises que se pautam a partir de entendimentos idealistas sobre como a realidade deveria ser. Em outras palavras, Maquiavel se propõe a entender a realidade como ela é e não como se pensa que ela deveria ser. Com efeito, é fundamental o exame das relações históricas e políticas que estruturam as relações humanas.

**Resposta da questão 3:**

[C]

Para Platão, a dificuldade na identificação do que é belo se dá porque é necessário conhecer o que é belo para que este possa ser identificado. Assim, para Platão, o conhecimento é o meio para identificar as coisas como belas, de modo que apenas a observação não pode dizer o que é belo e o que não o é, sendo necessário o uso da razão.

**Resposta da questão 4:**

[B]

Na filosofia política, o contratualismo moderno parte da perspectiva de que a sociedade civil e o Estado se originam a partir do estabelecimento de um contrato, firmado entre os cidadãos, que define a finalidade do Estado e os direitos e deveres dos indivíduos na vida em sociedade.

**Resposta da questão 5:**

[D]

Descartes defende que o conhecimento é bem fundamentado quando parte de princípios seguros e da prática metódica. Ele parte, então, da dúvida metódica, que o leva a questionar todas as prenoções, duvidando de tudo que até então foi considerado como certo. Junto à dúvida, é necessário também um ordenamento desse “caminho” investigativo da verdade, que constitui o que Descartes chama de método. O método seria, então, a organização do processo da dúvida.

**Resposta da questão 6:**

[A]

A filosofia destacada na questão remete aos chamados filósofos pré-socráticos, cuja investigação filosófica estava centrada na busca de um princípio originário de todas as coisas. Tales de Mileto, exemplo citado pela questão, defendia que tal princípio seria a água. De um

modo geral, a produção filosófica no contexto considerado voltava-se para a busca e o questionamento acerca do fundamento das coisas.

**Resposta da questão 7:**

[E]

No texto apresentado pela questão, Foucault indica que os micropoderes permeiam todas as esferas sociais, inclusive as condutas dos indivíduos. O corpo, então, se torna algo fabricado, controlado por coações que colocam nos corpos determinadas características. Os corpos, então, podem ser submetidos, transformados e aperfeiçoados, a partir do adestramento, que é uma forma de controle. A disciplina imposta aos soldados que Foucault cita é, portanto, uma forma de poder que corrige, controla, mede e hierarquiza os corpos dos soldados. O aluno deve identificar, assim, que os indivíduos, na perspectiva de Foucault, tornam-se objetos do poder disciplinar.

**Resposta da questão 8:**

A análise hobessiana abrange uma ampla reflexão acerca da natureza humana e da passagem que ele chama de estado natural para o estado civil, sendo esta última a condição em que a paz é possível. No estado natural, Hobbes diz que todo homem é juiz em causa própria, de modo que todos têm direito a tudo, condição que torna impossível a estabilidade e a paz, e a vida dos homens nessas condições é violenta e curta. Nesse sentido, o medo e a iminência da morte impulsionam a busca pela paz. Essa busca pela paz é, na visão de Hobbes, um ditame da razão, que impulsiona os indivíduos para a organização civil, haja vista a possibilidade de alcançar a paz e a segurança.

**Resposta da questão 9:**

Segundo a teoria filosófica de Hobbes, e a partir dos textos da questão, o aluno deve entender que Hobbes identifica em uma multidão de homens que cada um é juiz em causa própria, de modo que prevalecem as vontades individuais. Essa condição impossibilita a segurança e a paz, haja vista que todos têm direito a tudo, o que inevitavelmente leva ao conflito e à instabilidade, pois todos podem dispor de quaisquer meios para obter o que deseja. Já sob a forma de organização de um Estado ou Corpo Civil, Hobbes identifica o processo de transformação das vontades individuais em uma só vontade, o que possibilita a existência da estabilidade e da segurança, tuteladas pelo Estado. Com efeito, as diferenças entre uma multidão de homens e um Corpo político seriam, primeiramente, a questão da igualdade. Em uma multidão de homens, todos são iguais entre si, de modo que todos são juízes em causa própria; enquanto em um Corpo político os indivíduos abrem mão de sua liberdade ilimitada para se submeterem ao poder do Estado, tornando-se súditos. Ademais, pode-se apontar a instituição da sociedade civil. A organização dos homens a partir de uma multidão caracteriza o que Hobbes chama de estado natural. Sob a organização de um Estado, tem-se a passagem para a sociedade civil, única possível de garantir a paz.

**Resposta da questão 10:**

Na obra "vigiar e punir", Michel Foucault trata da sociedade disciplinar, na qual o controle social se efetiva a partir de várias técnicas de poder. Para Foucault, até o século XIX, o poder se exercia sobre os corpos dos indivíduos. Entretanto, ele observa transformações nas formas punitivas, que leva ao deslocamento das formas de punição sobre os corpos, que passa a incluir saberes, técnicas, discursos e dispositivos, que se relacionam com a prática do poder de punição. Assim, os diferentes dispositivos de poderes disciplinares – como a docilização dos corpos, o panoptismo, as hierarquias, as novas formas de punição e a disciplina – são mobilizados para controlar o comportamento dos indivíduos. Essa forma de dominação difere da dominação do senhor sobre o escravo, pois esta se fundamenta na posse do corpo do escravo pelo senhor e pelo uso de técnicas explícitas de controle. Já a dominação disciplinar se dá através de mecanismos sutis, que são subjetivados pelos próprios indivíduos. Assim, o poder é exercido a partir de mecanismos que possibilitam vigiar os indivíduos para controlá-los, e, então, impor a disciplina.

**Resposta da questão 11:**

O exercício do poder, para Foucault, passa pela organização da sociedade do controle, ou

disciplinar. Esse poder disciplinar controla os corpos dos indivíduos através da disciplinarização e pressupõe, para isso, uma certa organização do espaço físico. A arquitetura dos espaços, portanto, reproduz a função disciplinar do poder: os espaços são recortados, hierarquizados, fechados e fiscalizados para exercer o controle dos indivíduos. Tal controle, na disposição desses espaços, passam pela organização e distribuição ordenada dos corpos que reforçam as técnicas de poder. As fábricas, escolas, hospital, prisões e quartéis são exemplos desses espaços disciplinares.

**Resposta da questão 12:**

Na passagem “os juristas procuravam no pacto um modelo primitivo para a construção e reconstrução do corpo social”, Foucault se refere às teorias contratualistas que buscavam identificar nos pactos sociais a estruturação do Estado e da sociedade civil. Para esses autores, o modelo do corpo social, por excelência, estava fundamentado na natureza de um “contrato social” entre governantes e governados, que estabeleceria as bases da organização e da finalidade do poder. A citação apresentada pela questão, da obra “Vigiar e punir”, trata da análise de Foucault acerca do Sistema penal francês para questionar as prisões como modalidades de punição exclusivas. Para ele, as prisões como modalidades de punição não seriam resultado de uma “evolução” das teorias jurídicas, mas o resultado da elaboração de “técnicas disciplinares”, pensadas e construídas ao longo do século XVIII.

**Resposta da questão 13:**

A filosofia desenvolvida por Descartes dá as bases do que hoje chamamos de “racionalismo cartesiano”, que é uma perspectiva crítica acerca do processo da obtenção do conhecimento, segundo a qual não se aceita a possibilidade de alcançar a verdade pura através dos sentidos humanos, mas através da racionalidade. Assim, Descartes defende o uso da dúvida metódica como o “caminho seguro” para a obtenção de verdades sólidas. Para ele, a dúvida metódica era necessária frente à ilusão dos sentidos, pois que estes seriam limitados e enganosos. Tal postura leva, portanto, ao questionamento generalizado acerca de tudo que se coloca como “verdade” e que é dado como certo. A dúvida, nesse sentido, é necessária para se chegar à certeza das coisas, e envolve a rejeição de todos os sentidos. Junto a esse questionamento, é fundamental, ainda, um ordenamento, que seria o método. Dessa forma, pode-se dizer que é preciso uma organização metódica desse questionamento para se obter certezas.

**Resposta da questão 14:**

A filosofia desenvolvida por Descartes traz uma perspectiva crítica acerca do processo da obtenção do conhecimento, segundo a qual não se aceita a possibilidade de alcançar a verdade pura através dos sentidos humanos, mas através da racionalidade. Assim, Descartes defende o uso da dúvida metódica como o “caminho seguro” para a obtenção de verdades sólidas. Para ele, a dúvida metódica envolve a rejeição de tudo que é dado como certo, sendo necessária frente à ilusão dos sentidos, pois que estes seriam limitados e enganosos.

Tal percepção colocou, entretanto, uma outra questão: se tudo deve ser posto em dúvida, também a própria existência do sujeito pensante deve ser questionada. Nesse sentido, Descartes coloca que seria impossível duvidar do pensamento, pois o ato da dúvida pressupõe a existência do pensamento e, por sua vez, do sujeito pensante. Esse é, para Descartes, o ponto de partida que estrutura o conhecimento. O famoso axioma “Penso, logo existo” expressa essa certeza.

**Resposta da questão 15:**

[E]

No Ensaio sobre o entendimento humano, Locke desenvolveu elementos fundamentais da epistemologia empirista, ou seja, o filósofo refletiu sobre o conhecimento humano (sua origem, sua extensão e suas certezas) e expôs tese na qual afirma que tudo o que sabemos é adquirido através da experiência. Na obra, há a busca por critérios ou guias para a verdade, o que, para Locke, é encontrado justamente na experiência.

**Resposta da questão 16:**

[D]

No livro X de *A República*, obra em que Platão se propõe a investigar a natureza da justiça e ao longo do seu desenvolvimento explorar a forma adequada de educar, a poesia é duramente criticada como instrumento para a educação. A crítica platônica é estabelecida a partir de três aspectos principais: os efeitos da poesia na corrupção da alma, o conteúdo sobre os deuses e o recurso da imitação, presente na essência da poesia, e que conduziria à ignorância, já que, para o filósofo o conhecimento de valor não é aquele que imita o mundo sensível, mas aquele que se dedica à razão, elevando-se ao mundo das ideias.

**Resposta da questão 17:**

[B]

O pensamento de Heráclito, como pode ser percebido pelo trecho apresentado, compreende que a natureza da realidade é o constante fluxo ou transformação e que a aparência de estabilidade, não passaria de um engano dos sentidos. Assim, são verdadeiras as afirmativas [1], que resume a perspectiva do filósofo, e a afirmativa [2], que ao definir os olhos e ouvidos como más testemunhas, chama a atenção para compreensão de Heráclito de que os sentidos podem ser enganosos para a compreensão da realidade.

**Resposta da questão 18:**

[A]

Para Arendt, a modernidade apresenta uma extinção da diferença entre esfera pública e esfera privada, pois as preocupações privadas, como as questões ligadas à propriedade e à economia, são concebidas como fenômenos sociais, que devem ser discutidos politicamente.

**Resposta da questão 19:**

[D]

O trecho destacado no enunciado deixa claro a perspectiva de Maquiavel, segundo a qual, as leis nascem da desunião entre o povo e os grandes, sendo, esta desunião ou separação, por tanto, o motor ou o gerador das leis.

**Resposta da questão 20:**

[B]

Para Locke, assim como para outros filósofos adeptos do empirismo, tudo o que as pessoas sabem é adquirido através da experiência. Para ele é justamente a falta de experiência ou de concretude que conduz ao ceticismo. Em outras palavras, as pessoas se tornam céticas pois não fixam suas investigações no que é possível conhecer através da experiência, mas confundem-se com ideias e teorias que se propõe inatas ou universais, mas que, na verdade, se voltam para questões sem solução e não se conectam à vivência concreta, deixando as pessoas sem “apoio seguro para os pés”, ou seja, sem fundamento empírico para a razão.

**Resposta da questão 21:**

[E]

O trecho trazido pelo enunciado apresenta uma distinção formulada pela filósofa Hannah Arendt, na qual a autora separa modos pré-políticos típicos das comunidade doméstica (e que incluem a violência e os poderes despóticos) e os modos políticos (que incluem a persuasão e o espaço para a contestação). No trecho, não há uma hierarquização entre esses modos, isto é, a lógica familiar não é considerada inferior, nem superior, a autora apenas marca o caráter essencialmente distinto das associações.

**Resposta da questão 22:**

[C]

A filosofia socrática buscava investigar os conceitos, isto é, o fundamento das ideias que guiam as crenças e afirmações cotidianas. Os conceitos são importantes, pois para a filosofia de

Sócrates só é possível manipular um saber (identificar algo como belo), depois de conhecer o fundamento deste saber (saber o que o belo é).

**Resposta da questão 23:**

[E]

A alternativa correta é a [E], pois, de acordo com a passagem utilizada, ao pintor cabe reproduzir os objetos tal como os vê. O filósofo faz isso ao defender que a interpretação não deve ser separada da visão e, de certa forma, reafirma, ao dizer que pintar um rosto como objeto não é despojá-lo do que traz pensado. Dessa forma, a alternativa que responde corretamente o que é proposto no enunciado, é a alternativa [E].

**Resposta da questão 24:**

[B]

A alternativa correta é a [B], pois, a afirmação que mostra que Hylas finalmente admitiu o idealismo defendido por Philonous, é a alternativa [B]. Ao defender que pode formar ideias na própria mente, Hylas admite o idealismo. Mas, argumenta logo em seguida que, também não poderia conceber a prova delas existindo fora da mente de todos os espíritos, aparentemente negando a possibilidade do materialismo. O idealismo de Berkley, é concebido como um idealismo radical, pois nega a existência da matéria e reafirma a ideia como eixo central de sua filosofia. Dessa forma, a alternativa correta é a [B], pois, expressa corretamente o diálogo de Hylas e Philonous.

**Resposta da questão 25:**

[C]

A alternativa correta é a [C], pois, em Espinosa, existe a crítica muito contundente da ideia de sujeito voluntário, teoria pela qual o homem pretende converter-se em mestre e possuidor da natureza. No texto, Espinoza defende que os homens supõem que todas as coisas agem como eles mesmos, em consideração de um fim, chegando a conclusão que o próprio Deus dirige todas as coisas para um determinado fim. Mas, na visão do filósofo, essa forma de pensar impede que os homens produzam uma explicação adequada dos eventos naturais, tendo em vista que, segundo o autor, todas as coisas são modos da substância única que é Deus. Dessa forma, a alternativa que responde corretamente a passagem de Espinoza, é a alternativa [C].

**Resposta da questão 26:**

[C]

A alternativa correta é a [C], pois, Maquiavel defende que é muito útil poder acusar os cidadãos em um espaço institucional para a manifestação dos conflitos. Segundo ele, esse espaço, seria um lugar de desaforo para os humores que crescem na cidade contra qualquer cidadão. Ao não existir um espaço institucional onde esses humores possam ser liberados, eles acabam aparecendo de modo extraordinário, ou seja, Maquiavel acredita ser importante o oferecimento de um lugar institucional onde os conflitos possam ser manifestos. Dessa forma, a alternativa que responde corretamente a questão, é a alternativa [C].

**Resposta da questão 27:**

[D]

A alternativa correta é a [D], pois, a compreensão do que é *locus* social é definido pela autora como um lugar em que se abre ou restringe oportunidades para determinados grupos sociais. O direito à voz, à existência digna, portanto, não é igual para todos, tendo em vista que, dependendo do local de onde você enuncia, o discurso é ouvido ou não. O local social, desse modo, seria algo como um lugar imposto que na maioria das vezes impede a possibilidade de transcendência de grupos silenciados e invisibilizados. Dessa forma, a alternativa que responde corretamente a questão, é a alternativa [D].

**Resposta da questão 28:**

[D]

A alternativa correta é a [D], seguir a ordem progressiva dos pensamentos, dos mais simples aos mais complexos. Descartes enfatizava a importância de seguir uma ordem metodológica rigorosa para a busca do conhecimento. Ele propunha começar pelos princípios mais simples e evidentes para, em seguida, avançar para questões mais complexas, construindo assim um edifício sólido de conhecimento.

Sobre os erros nas alternativas:

- [A] Embora Descartes valorizasse o conhecimento dos antigos, ele não recomendava simplesmente seguir a sabedoria deles, mas sim questionar e investigar por si mesmo.
- [B] A dialética não era vista por Descartes como o principal método para adquirir conhecimento. Ele buscava um método mais sistemático e claro.
- [C] Embora a experiência e a observação fossem importantes para Descartes, ele não enfatizava viagens ou observações de diferentes costumes como parte central de seu método filosófico.
- [E] Descartes acreditava na possibilidade de fundar um conhecimento certo e indubitável, buscando eliminar todas as dúvidas por meio de seu método da dúvida metódica e da dedução racional.

### Resposta da questão 29:

[E]

A alternativa correta é a [E], a lógica da redistribuição é a de acabar com a diferença entre os grupos, enquanto a lógica do reconhecimento é a de valorizar diferenças.

Nancy Fraser destaca que a lógica da redistribuição busca reduzir ou eliminar as diferenças entre os grupos sociais, principalmente em termos de acesso a recursos materiais e econômicos. Por outro lado, a lógica do reconhecimento busca valorizar as diferenças existentes entre os grupos sociais, incluindo suas identidades, culturas e experiências.

A autora argumenta que as demandas por justiça muitas vezes se deparam com um dilema, pois as políticas de redistribuição podem não levar em conta as necessidades de reconhecimento das identidades e diferenças culturais, e vice-versa.

Sobre os erros nas demais alternativas:

- [A] é inadequada, pois tanto as demandas por redistribuição quanto por reconhecimento podem envolver mudanças significativas na estrutura social.
- [B] O erro nesta afirmação é que a correção de injustiças distributivas não necessariamente produz injustiças de reconhecimento e vice-versa. Na verdade, o argumento de Nancy Fraser é mais sutil: ela aponta que, em algumas situações, o foco exclusivo em políticas de redistribuição pode negligenciar as demandas por reconhecimento de identidades culturais e diferenças, enquanto, em outras situações, o foco exclusivo em demandas por reconhecimento pode negligenciar as questões de redistribuição econômica. Portanto, o erro está em afirmar que a correção de injustiças em uma dimensão inevitavelmente produz injustiças na outra, quando na verdade a relação entre redistribuição e reconhecimento é mais complexa e pode variar dependendo do contexto.
- [C] não reflete completamente o argumento de Fraser, pois ela não afirma que as diferenças culturais determinam as questões econômicas.
- [D] também não reflete o argumento da autora, pois ela não sugere que as lutas por reconhecimento desmobilizam as lutas por distribuição.

### Resposta da questão 30:

[B]

**Gabarito Oficial:** [C]

**Gabarito Super Professor®:** [B]

A posição de Voltaire diante do caso de Jean Calas, conforme expressa em seu "Tratado da Tolerância", é melhor representada pela alternativa [B]: A pena de morte deve ser abolida, uma vez que o sistema judiciário está sujeito a erros.

Voltaire argumentou veementemente contra a condenação à morte de Jean Calas, destacando que foi um erro judicial decorrente da intolerância religiosa. Ele defendeu a abolição da pena de morte, especialmente devido à possibilidade de falhas no sistema judiciário, como foi o caso de

Calas.

Sobre os erros nas alternativas:

- [A] Os algozes de Jean Calas devem ser tolerados, pois a tolerância é a melhor forma de combater a intolerância. - Essa afirmação não reflete a posição de Voltaire, que buscava justiça para Calas e não advogava a tolerância com os algozes.
- [C] A intolerância é um crime passível de punição, pois coloca em risco a sociedade. - Embora Voltaire fosse contra a intolerância, ele provavelmente não defenderia que a intolerância em si fosse um crime punível pelo Estado.
- [D] O Estado deve evitar a multiplicação de seitas religiosas, a fim de combater a intolerância. - Voltaire, conhecido por sua defesa da liberdade religiosa e de expressão, provavelmente não defenderia a intervenção do Estado na multiplicação de seitas religiosas.
- [E] A intolerância é um mal inerente à natureza humana, estando presente em todas as épocas e lugares. - Embora Voltaire reconhecesse a presença da intolerância na sociedade, sua obra enfatiza a importância de combatê-la e promover a tolerância, não a resignação diante dela como algo inevitável.

**Resposta da questão 31:**

[B]

De acordo com o texto "A arte diante do mal radical", de Thierry de Duve, a decisão do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque de expor uma série de fotos de pessoas mantidas em campos de extermínio pelo regime de Pol Pot, convida o espectador a fazer um julgamento estético, levando-o a contemplar as fotos tendo a arte como referência, logo, a alternativa correta é a [B].

De acordo com o autor, a exposição dessas fotos convida os espectadores a fazerem um julgamento estético, colocando-os diante do desafio de contemplar essas imagens e refletir sobre seu significado estético, mesmo que a realidade que elas retratam seja horrenda.

Sobre os erros nas alternativas incorretas:

- [A] expõe como arte fotos que não são arte, já que desumanas, sendo a arte um patrimônio da humanidade. - O autor não afirma que as fotos não são arte por serem desumanas, mas sim que sua exposição levanta questões sobre o que é considerado arte e sobre os limites éticos da representação artística.
- [B] faz justiça ao desejo do fotógrafo em ser reconhecido como artista, a despeito das condições em que exerceu sua arte. - O autor não aborda especificamente o desejo do fotógrafo em ser reconhecido como artista, mas sim as implicações éticas e estéticas da exposição das fotos.
- [D] justifica atos imorais em nome da arte. - O autor não justifica atos imorais, mas sim explora as complexidades éticas da representação artística de eventos horrendos.
- [E] revela que a decisão acerca do status de arte da fotografia compete exclusivamente aos curadores das exposições fotográficas. - O autor não afirma que a decisão compete exclusivamente aos curadores, mas sim que a exposição dessas fotos levanta questões sobre o que é considerado arte e sobre os limites éticos da representação artística.